

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Onde os brasileiros compram alimentos? Tendência temporal da prevalência dos locais de aquisição

Dayane Pereira, Maria Laura da Costa Louzada, Luisa Gazola Lage, Claudia Cristina Gonçalves Pastorello, Giovanna Calixto Andrade, Maria Alvim Leite, Marcos Anderson Lucas da Silva

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14522>

Submetido em: 2025-12-10

Postado em: 2025-12-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Renata Bertazzi Levy (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5388-7002>)

Onde os brasileiros compram alimentos? Tendência temporal da prevalência dos locais de aquisição

Where do Brazilians buy food? Temporal trends of food retail outlet prevalence

Autores: Dayane Pereira Gomes¹, Maria Laura da Costa Louzada^{2,3}, Luisa Gazola Lage^{2,3}, Claudia Cristina Goncalves Pastorello^{2,3}, Giovanna Calixto Andrade³, Maria Alvim Leite^{3,4,5}, Marcos Anderson Lucas da Silva^{2,3}

¹ Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Curso de Graduação em Nutrição. São Paulo, SP, Brasil

² Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Programa de Pós-Graduação em Nutrição em Saúde Pública. São Paulo, SP, Brasil

³ Universidade de São Paulo. Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde. São Paulo, SP, Brasil

⁴ Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Departamento de Medicina Preventiva. São Paulo, SP, Brasil

⁵ Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Departamento de Atenção Primária à Saúde. São Paulo, SP, Brasil.

Correspondência

Marcos Anderson Lucas da Silva

E-mail: m.andersonlucas@gmail.com

Conflito de interesses: os autores não possuem conflito de interesses

Financiamento: nenhum

ORCID

Dayane Pereira Gomes: <https://orcid.org/0009-0006-8276-0047>

Maria Laura da Costa Louzada: <https://orcid.org/0000-0002-3756-2301>

Luisa Gazola Lage : <https://orcid.org/0000-0002-6808-0284>

Claudia Cristina Gonçalves Pastorello: <https://orcid.org/0000-0002-0646-8777>

Giovanna Calixto Andrade: <https://orcid.org/0000-0002-1901-3093>

Maria Alvim Leite: <https://orcid.org/0000-0002-2774-7126>

Marcos Anderson Lucas da Silva: <https://orcid.org/0000-0002-3555-0534>

Contribuição dos autores

Dayane Pereira Gomes: análise e tabulação dos dados, interpretação dos resultados, redação e revisão do artigo.

Maria Laura da Costa Louzada: análise dos dados, redação e revisão do artigo.

Luisa Gazola Lage: análise dos dados, redação e revisão do artigo.

Claudia Cristina Gonçalves Pastorello: análise dos dados, redação e revisão do artigo.

Giovanna Calixto Andrade: análise dos dados, redação e revisão do artigo.

Maria Alvim Leite: redação e revisão do artigo.

Marcos Anderson Lucas da Silva: concepção do estudo, análise e tabulação dos dados, interpretação dos resultados, redação e revisão do artigo.

Resumo

Introdução: Os locais de aquisição de alimentos são vetores centrais dos ambientes alimentares, influenciando a qualidade da dieta da população. No Brasil, estudos prévios focaram na participação calórica ou gramas de alimentos adquiridos, mas não na frequência e na diversidade de locais. **Objetivo:** Descrever as tendências temporais da prevalência e da diversidade dos locais de aquisição de alimentos frequentados pelos domicílios brasileiros entre 2002 e 2018 e a concomitância entre esses locais em 2002-2003 e 2017-2018. **Métodos:** Foram utilizados dados das Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF) produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2002-2003, 2008-2009 e 2017-2018. Os locais de compra foram agrupados em 10 categorias: supermercados; pequenos mercados/mercearias; feiras livres e quitandas; centros de abastecimento; padarias e confeitarias; pequenos produtores; açougues, granjas e peixarias; vendedores de rua/ambulantes; bares, cafeterias e restaurantes; e outros. Analisou-se a prevalência (percentual médio) e o número médio de locais (diversidade) frequentados em sete dias considerando o Brasil como todo, área, região e quintos de renda entre 2002 e 2018. Para a concomitância, foi considerado apenas o Brasil como todo em 2002-2003 e 2017-2018. **Resultados:** A prevalência de aquisição em supermercados aumentou de 54,8% (2002-2003) para 64,5% (2017-2018), enquanto feiras livres e quitandas reduziram de 36,6% para 20,9%, e padarias e confeitarias de 50,5% para 37,5%. A diversidade média de locais frequentados semanalmente diminuiu de 2,8 para 1,9. Esse padrão foi consistente entre áreas, regiões e quintos de renda. Na comparação entre 2002-2003 e 2017-2018, a concomitância indicou crescente concentração das compras em supermercados. **Conclusão:** Entre 2002 e 2018, consolidou-se no Brasil um ambiente de varejo alimentar mais concentrado em supermercados e menos diverso, com o declínio de estabelecimentos tradicionais. Essas mudanças estruturais exigem atenção das políticas públicas de alimentação e nutrição.

Palavras-chave: locais de aquisição; aquisição de alimentos; supermercados; tendência temporal

Abstract

Introduction: Food retail outlets are central components of food environments, influencing population diet quality. In Brazil, previous studies focused on the caloric share or grams of purchased foods, but not on the frequency and diversity of outlets. **Objective:** To describe temporal trends in the prevalence and diversity of food retail outlets used by Brazilian households between 2002 and 2018, and to compare the concomitance of these outlets in 2002-2003 and 2017-2018. **Methods:** Data were obtained from the Brazilian Household Budget Surveys (HBS) conducted by the Brazilian Institute of Geography and Statistics in 2002-2003, 2008-2009, and 2017-2018. Food retail outlets were grouped into ten categories: supermarkets; small markets/grocery stores; street fairs and produce stalls; food supply centers; bakeries and confectioneries; small producers; butcher shops, poultry shops and fish markets; street vendors; bars, coffee shops and restaurants; and others. We analyzed the prevalence (mean percentage) and the mean number of outlets (diversity) used within seven days at the national level, by area, region, and income quintiles between 2002 and 2018. For concomitance analysis, only national-level data from 2002-2003 and 2017-2018 were considered. **Results:** The prevalence of purchases in supermarkets increased from 54.8% (2002-2003) to 64.5% (2017-2018), while purchases at street fairs and produce stalls decreased from 36.6% to 20.9%, and at bakeries and confectioneries from 50.5% to 37.5%. The mean diversity of outlets visited weekly declined from 2.8 to 1.9. This pattern was consistent across areas, regions and income quintiles. In the comparison between 2002–2003 and 2017–2018, concomitance analysis showed a growing concentration of purchases in supermarkets. **Conclusion:** Between 2002 and 2018, Brazil's food retail environment became increasingly concentrated in supermarkets and less diverse, alongside the decline of traditional outlets. These structural changes require attention from public food and nutrition policies.

Keywords: food retail; food purchasing; supermarkets; temporal trends.

1. Introdução

Os ambientes alimentares são a interface entre as pessoas e o sistema alimentar, englobando dimensões como disponibilidade, acessibilidade, promoção e sustentabilidade de alimentos e bebidas em espaços urbanos e rurais, moldadas por contextos sociais, políticos e ecológicos.¹ Entre os diferentes componentes dos ambientes alimentares, destaca-se o ambiente de varejo, onde os alimentos e bebidas são adquiridos pelos consumidores, incluindo feiras, supermercados, padarias, restaurantes, mercearias, lanchonetes.²

Nas últimas décadas, mudanças globais no sistema alimentar impulsionadas pela urbanização, industrialização e globalização, têm transformado esses ambientes, principalmente com a expansão do varejo moderno (especialmente os supermercados) e a redução de espaços tradicionais de comercialização, como feiras, pequenos comércios e produtores locais, o que tem alterado as formas de acesso e consumo de alimentos.³

Dependendo de sua estrutura e dinâmica, os varejos de alimentos podem influenciar diretamente a qualidade e diversidade dos alimentos adquiridos⁴ e, conseqüentemente, o estado nutricional dos indivíduos.⁵ Ambientes promotores de uma alimentação adequada e saudável são aqueles em que existe uma oferta adequada de alimentos in natura e minimamente processados, enquanto ambientes alimentares obesogênicos facilitam o acesso a alimentos ultraprocessados.^{1,6-9}

O território em que as pessoas vivem influencia o acesso a alimentos, tanto pela quantidade e proximidade dos locais de aquisição disponíveis, quanto pelo tipo de produtos ofertados nesses locais.^{10,11} A distribuição e a natureza desses locais variam entre países e contextos socioeconômicos, refletindo desigualdades estruturais no sistema alimentar global. Em uma análise global com dados de 2005 a 2019, Downs et al.,¹² mostraram que países que passam a ter um índice sociodemográfico mais alto tendem a ter um aumento de locais de aquisição com maior disponibilidade de alimentos ultraprocessados, enquanto países com índices sociodemográficos mais baixos mantêm locais tradicionais, com maior oferta de alimentos in natura ou minimamente processados.

No Brasil, país de renda média-alta, observa-se a expansão acelerada do varejo moderno e o declínio gradual de espaços tradicionais de comercialização.^{12,13} Evidências produzidas a

partir dos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) (2017–2018) indicam que 68% das aquisições de alimentos são realizadas em supermercados,⁸ enquanto a participação de feiras, pequenos mercados e compras diretas de agricultores vem diminuindo ao longo do tempo.^{4,8,14} Essas mudanças refletem transformações estruturais no ambiente alimentar brasileiro, cuja caracterização ao longo do tempo é fundamental para compreender os determinantes e as desigualdades no acesso aos alimentos.

Apesar de existirem estudos sobre os locais de aquisição de alimentos no Brasil com abrangência nacional, os dados se baseiam predominantemente na participação dos alimentos adquiridos, em calorias^{4,14} ou em gramas,⁵ e não na prevalência de frequência de aquisição de alimentos em cada tipo de local. Além disso, não há estudos que estimem em quantos locais de aquisição os domicílios frequentam e onde são realizadas as compras simultaneamente.

Diante disso, este estudo objetiva descrever as tendências temporais (2002-2018) na prevalência, diversidade e concomitância dos locais de aquisição de alimentos frequentados pelos domicílios brasileiros entre 2002 e 2018, utilizando os dados das últimas edições da POF.

2. Metodologia

2.1. Fonte e coleta de dados

Este estudo utilizou dados de aquisição domiciliar de alimentos das últimas três edições das POF, realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos períodos de junho de 2002 a julho de 2003, maio de 2008 a maio de 2009, e julho de 2017 a julho de 2018.^{15,16,17}

As informações utilizadas neste artigo referem-se aos locais de aquisição de alimentos, registrados durante sete dias consecutivos pelos moradores do domicílio ou por um entrevistador do IBGE na caderneta de despesas coletivas da POF.

2.2. Amostragem

As pesquisas utilizaram um plano amostral complexo, por conglomerados em dois estágios, envolvendo sorteio dos setores censitários no primeiro estágio e domicílios no segundo.^{15,16,17}

A coleta de cada pesquisa foi distribuída nos quatro trimestres do ano, incorporando a variedade sazonal, à qual as despesas estão sujeitas. A descrição detalhada sobre o processo de amostragem das três pesquisas está disponível nas publicações do IBGE.¹⁷

As estimativas obtidas nesse estudo representam os seguintes domínios: o país, as cinco grandes regiões (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste), a situação (urbana ou rural), as 26 unidades da federação e Distrito Federal.

2.3. Unidade de investigação e análise

2.3.1. Domicílio

Na POF, o domicílio é definido como a unidade básica da pesquisa (casa, apartamento ou outro tipo de habitação), ocupada por um ou mais moradores. Assim, o domicílio representa a unidade básica de coleta e registro das aquisições, refletindo os hábitos e práticas de compra de cada núcleo familiar. A análise por domicílio permite identificar padrões específicos de comportamento, oferecendo um nível mais granular dos dados.

2.3.2. Estrato

O estrato é a unidade de agrupamento formada por domicílios com alta homogeneidade geográfica e socioeconômica, conforme o plano amostral do IBGE.¹⁷ Essa abordagem reduz a variabilidade e possibilita estimativas mais estáveis e representativas, assegurando a extrapolação dos resultados para a população brasileira.

Foram considerados para a construção dos estratos: a localização geográfica dos setores censitários, a situação (urbana ou rural) e, dentro de cada locus geográfico, a variação socioeconômica definida pela renda do responsável pelo domicílio. As amostras são representativas para o país, as cinco grandes regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), a situação urbana e rural e as 26 Unidades da Federação e Distrito Federal.¹⁵

Em 2002–2003, os 48.747 domicílios resultaram em 443 estratos (média de 109,4 domicílios por estrato; variação de 9 a 801). Em 2008–2009, os 55.970 domicílios formaram 550 estratos (média de 101,7; variação de 8 a 796) e, em 2017–2018, os 49.747 domicílios resultaram em 575 estratos (média de 86,5; variação de 16 a 524).^{13, 14, 15}

2.4. Agrupamento dos locais de aquisição de alimentos

De 2002 a 2018, os números de locais de aquisição de alimentos passaram de 241 em 2002-2003, 357 em 2008-2009, para 382 em 2017-2018. Para esse estudo, esses locais foram agrupados de acordo com a proposta de Costa et al.,¹⁴ considerando a similaridade, natureza e as características dos produtos vendidos dentro de cada local. Ao todo, foram estabelecidos dez grupos: 1) supermercados, 2) pequenos mercados/mercearias, 3) feiras livres e quitandas, 4) centros de abastecimentos de alimentos, 5) padarias e confeitarias, 6) pequenos produtores, 7) açougues, granjas e peixarias, 8) vendedor de rua/ambulante, 9) bares, cafeterias e restaurantes, 10) outros (Quadro 1). Todas as análises foram realizadas utilizando essas categorias que, daqui em diante, serão referidas como "locais de aquisição".

Quadro 1. Agrupamento dos locais de aquisição de alimentos.

Agrupamento dos locais de aquisição	Detalhamento
Supermercados	Hipermercado, hipermercado atacadista, atacadista, loja atacadista, supermercado, supermercado atacadista, mercantil, mercado
Pequenos mercados/mercearias	Mercearia, mercado (armazém), mercadinho (quitanda), bodega (mercearia), bodega (armazém), armazém, minimercado (armazém), mercadinho, empório, birosca, armazém varejista, secos e molhados (armazém), cerealista, venda, barracão, mini-box, casa de farinha, casa do norte, armazém atacadista, cerealista atacadista
Feiras livres e quitandas	Hortifruti, loja de frutas, fruteira (frutaria), banca de frutas, feira de frutas, frutaria, verdureiro, feira de verduras, banca de verduras, casa de verduras, mercado de verduras, verduraria, verdureiro, verdureiro, barraca de frutas e cereais em shopping center, banca de legumes, feira orgânica, feira, feira livre, feira livre de alimentos, feira do agricultor, tendinha (quitanda)
Centro de abastecimento de alimentos	Mercado municipal, mercado estadual, mercado popular público, mercado público popular, sacolão, centro de abastecimento, Centrais Estaduais de Abastecimento (Ceasa)
Padarias e confeitarias	Padaria, depósito de pães, posto de pão, panificadora, casa de bolo, loja de bolo, confeitaria, doceria, loja de biscoito, confeitaria
Pequenos produtores	Cooperativa de produtores rurais, horta comunitária, feira de produtos agropecuários, produtor agropecuário, apiário, produção própria, produtor rural, sitiante, quintal, fazenda, horta, feira do agricultor (RS), negócio próprio, feirinha
Açougue, granjas e peixarias	Açougue, casa de carnes, abatedouro, mercado de carnes, frigorífico em geral, butique de carnes, frigos, carniceria, aviário, avícola, ponto

	de frango (avícola), frangaria, granja, peixaria, mercado de peixes, feira de peixes, balança do peixe
Vendedor de rua/ambulantes	Vendedor ambulante, ambulante, barraca (vendedor ambulante, <i>trailer</i> ou quiosque), carrinho de alimentos, carrocinha de alimentos, carrocinha, pit dog, carrinho de pipoca, leiteiro ambulante, padeiro ambulante, peixaria ambulante, food truck, regatão (vendedor ambulante embarcado)
Bares, cafeterias e restaurantes	Lanchonete, sorveteria, pizzaria, lancheria, pastelaria, cafeteria, lanchonete popular, loja de salgadinhos (lanche), pamonharia, café e bar, esfirraria, casa da esfiha, creperia, vitaminosa, taberna, boteco, botiquim (bar), bar, barzinho, choperia, baiuca, bolicho, tendinha (bar), uisqueria, pub, cachaçaria, copo sujo, scotch bar, adega, restaurante, churrascaria, bar e restaurante, marmitaria, restaurante de comidas típicas, buffet, peixaria (restaurante), <i>self-service</i> , restaurante popular, kilão, casa de massas, casa de comidas típicas, casa de assados, galeteria, frangueria (galeteria), vendedor de frango assado
Outros	Farmácia, drogaria, loja de departamento, banca de jornais, igreja, quermesse, bazar, loja de importados, telemarketing, loja de cesta de café da manhã, internet, depósito em geral, fabricante, fábrica, posto de fábrica, home center

Fonte: Adaptado de Costa et al., 2013. Food purchasing sites. Repercussions for healthy eating.¹⁴

2.5. Análise de dados

Cada unidade de estudo foi utilizada para responder a objetivos específicos: o estrato foi empregado para estimar a média da prevalência e o número médio de locais de aquisição de alimentos frequentados pelos domicílios, enquanto o domicílio foi utilizado para analisar a concomitância dos locais frequentados, ou seja, a ocorrência simultânea de aquisições em diferentes locais.

2.5.1. Análise nos estratos

Primeiramente, para cada estrato, calculou-se a proporção de domicílios que adquiriram alimentos em determinado local de aquisição (variável dicotômica: sim/não). As médias ponderadas dessas proporções foram estimadas para o país e segundo fatores socioeconômicos: área (urbano e rural), região (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-Oeste) e quintos de renda *per capita* (quanto maior o quinto, maior a renda). Para estimar a diferença do aumento ou queda da prevalência entre os locais de aquisição, foi calculado a média dos pontos percentuais anuais (pp/ano) entre 2002 e 2018.

Em seguida, foi estimada a diversidade média de locais de aquisição durante sete dias (uma semana), ou seja, o número médio de locais em que os estratos adquiriram alimentos em cada ano da pesquisa, considerando o Brasil todo e segundo fatores socioeconômicos supracitados.

Foram utilizados modelos de regressão linear simples para avaliar o significado estatístico e variação temporal das estimativas, considerando o valor de $p < 0,05$, em que o ano é a exposição e a estimativa de prevalência e número médio de locais são os desfechos.

Foram aplicados fatores de ponderação considerando a estrutura amostral do banco de dados, permitindo a extrapolação dos resultados para a população brasileira. As análises foram realizadas utilizando os *softwares* Stata 18.0/SE.

2.5.2. Análise nos domicílios

A concomitância dos locais de aquisição de alimentos pelos domicílios foi avaliada ao longo de sete dias, nas POF 2002-2003 e 2017-2018 utilizando um gráfico de rede. Esses dois períodos foram escolhidos por representarem o início e o fim da série histórica, o que permite avaliar a mudança que ocorreu no período.

Inicialmente, foi criada uma variável dicotômica para cada local de aquisição frequentado pelo domicílio (sim/não), gerando os nós (círculos). Ou seja, quanto maior for o nó, maior foi a frequência naquele local.

Em seguida, para cada par possível de locais de aquisição, foram geradas variáveis dicotômicas que indicam se o domicílio realizou compras em ambos os locais no mesmo período. Por exemplo, se em determinado domicílio as compras ocorreram em a) supermercado, b) padarias e confeitarias e c) pequenos produtores, foram atribuídos valores iguais a 1 para as variáveis que representam as concomitâncias supermercado–padarias e confeitarias, padarias e confeitarias–pequenos produtores e pequenos produtores–supermercado, e iguais a 0 para os demais pares possíveis, ou seja, pares em que os domicílios não fizeram compras concomitantemente. A soma dessas concomitâncias entre todos os domicílios determinou a espessura das arestas (linhas) no gráfico de rede, ou seja, quanto maior a aresta, maior a concomitância entre os locais.

Como os métodos de ponderação não são aplicados, utilizamos frequência absoluta de domicílios. As análises foram realizadas no RStudio versão 2023.06.1+524.

3. Resultados

Na tabela 1, foi descrita a tendência temporal da prevalência de frequência dos locais de aquisição no Brasil em 2002-2003, 2008-2009 e 2017-2018. Observou-se aumento expressivo e significativo na prevalência dos supermercados no período, passando de 54,8% em 2002-2003 para 64,5% em 2017-2018 (em média +0,65 pontos percentuais ao ano = pp/ano).

Em contrapartida, houve redução significativa na prevalência de todos os demais locais de aquisição. As maiores quedas ocorreram nas feiras livres e quitandas, cuja participação passou de 36,6% em 2002-2003 para 20,9% em 2017-2018 (-1,05 pp/ano), seguida por pequenos mercados ou mercearias (35,7% em 2002-2003 para 20,3% em 2017-2018; -1,03 pp/ano), padarias e confeitarias (50,5% em 2002-2003 para 37,5% em 2017-2018; -0,87 pp/ano), açougues, granjas e peixarias (27,3% em 2002-2003 para 14,0% em 2017-2018; -0,89 pp/ano), vendedores ambulantes (15,1% em 2002-2003 para 8,0% em 2017-2018; -0,47 pp/ano), pequenos produtores (11,9% em 2002-2003 para 5,3% em 2017-2018; -0,44 pp/ano), em bares, cafeterias e restaurantes (11,5% em 2002-2003 para 5,5% em 2017-2018; -0,40 pp/ano). Destaca-se ainda a expressiva redução da participação de centros de abastecimento de alimentos, que passaram de 15,0% em 2002-2003 para apenas 0,3% em 2017-2018 (-0,98 pp/ano).

Tabela 1. Tendência temporal da prevalência média (%) dos locais de aquisição de alimentos no Brasil. Brasil, 2002-2003, 2008-2009, 2017-2018

Locais de aquisição de alimentos	Prevalência média (%)			pp/ano ^a
	2002-2003	2008-2009	2017-2018	
Supermercados	54,8	61,0	64,5	0,65*
Padarias e confeitarias	50,5	48,1	37,5	-0,87*
Feiras livres e quitandas	36,6	32,9	20,9	-1,05*
Pequenos mercados/mercearias	35,7	32,3	20,3	-1,03*
Açougues, granjas e peixarias	27,3	22,1	14,0	-0,89*
Vendedores de rua/ambulantes	15,1	12,3	8,0	-0,47*
Centros de abastecimento de alimentos	15,0	1,8	0,3	-0,98*
Pequenos produtores	11,9	8,5	5,3	-0,44*
Bares, cafeterias e restaurantes	11,5	9,6	5,5	-0,40*
Outros	17,8	17,1	11,1	-0,45*

Notas: ^a média dos pontos percentuais ao ano entre 2002 e 2018; * $p < 0,05$.

Na Tabela 2, é apresentada a tendência temporal da prevalência dos locais de aquisição de alimentos segundo características socioeconômicas para os períodos de 2002–2003, 2008-2009 e 2017-018. Nos supermercados, apesar da maior prevalência na área urbana (58,1% em 2002-2003 para 67,3% em 2017-2018; +0,61 pp/ano), observou-se crescimento proporcionalmente levemente maior na área rural (36,4% para 46,7%; +0,69 pp/ano) no mesmo período. A tendência de aumento também foi significativa nas regiões Sul (55,0% em 2002-2003 para 75,8% em 2017-2018; +1,39 pp/ano), Nordeste (40,2% em 2002-2003 para 54,2% em 2017-2018; +0,93 pp/ano) e Centro-Oeste (55,8% em 2002-2003 para 69,4% em 2017-2018; +0,91 pp/ano), além de em todos os quintos de renda, com maior aumento entre os mais pobres (Q1: 37,0% em 2002-2003 para 48,9% em 2017-2018; +0,79 pp/ano; Q2: 48,2% em 2002-2003 para 60,6% em 2017-2018; +0,83 pp/ano), mas a maior prevalência continua entre os mais ricos (Q5: 70,6% em 2002-2003 para 75,5% em 2017-2018; +0,33 pp/ano).

Em contraste, a participação de padarias e confeitarias apresentou redução significativa na área urbana (55,9% em 2002-2003 para 39,8% em 2017-2018; -1,07 pp/ano), especialmente nas regiões Sudeste (59,2% em 2002-2003 para 36,2% em 2017-2018; -1,53 pp/ano), Sul (34,7% em 2002-2003 para 21,6% em 2017-2018; -0,87 pp/ano) e Centro-Oeste (43,0% em 2002-2003 para 29,0% em 2017-2018; -0,93 pp/ano), bem como entre os mais ricos (Q4: 58,3% em 2002-2003 para 30,4% em 2017-2018; -1,86 pp/ano; Q5: 56,2% em 2002-2003 para 33,0% em 2017-2018; -1,55 pp/ano).

A aquisição em feiras livres e quitandas também reduziu significativamente, com destaque para área urbana (38,2% em 2002-2003 para 21,3% em 2017-2018; -1,13 pp/ano), as regiões Nordeste (53,0% em 2002-2003 para 30,0% em 2017-2018; -1,53 pp/ano) e Norte (42,5% em 2002-2003 para 20,3% em 2017-2018; -1,48 pp/ano), e entre os mais pobres (Q1: 48,5% em 2017-2018 para 26,8% em 2017-2018; -1,45 pp/ano) mas a menor prevalência dentre os quintos é o do Q4 (36,1% em 2002-2003 para 17,0% em 2017-2018; -1,27 pp/ano). A prevalência em pequenos mercados/mercearias diminuiu significativamente tanto na área urbana (34,2% para 18,8%; -1,03 pp/ano) quanto na rural (44,1% para 29,7%; -0,96 pp/ano), com queda mais acentuada na região Sul (32,2% para 10,7%; -1,43 pp/ano) e entre os quintos de renda Q2 (43,0% para 24,2%; -1,25 pp/ano) e Q3 (33,0% para 13,1%; -1,33 pp/ano).

Resultados semelhantes foram observados para açougues, granjas e peixarias, com quedas mais intensa na área urbana (27,7% para 13,6%; -0,94 pp/ano) e nas regiões Sudeste (28,9% para 11,8%; -1,14 pp/ano) e Norte (43,8% para 27,3%; -1,10 pp/ano), mas com a menor prevalência no Sul (14,6% para 5,6%; 0,60 qq/ano), bem como entre os quintis Q2 (29,1% para 13,5%; -1,04 pp/ano) e Q4 (27,4% para 9,8%; -1,17 pp/ano). A aquisição com vendedores de rua/ambulantes reduziu nas áreas urbanas (15,1% para 6,9%; -0,55 pp/ano) e entre os indivíduos dos quintis Q2 (17,5% para 8,3%; -0,61 pp/ano) e Q3 (14,9% para 5,9%; -0,60 pp/ano).

Tabela 2. Tendência temporal da prevalência média (%) dos locais de aquisição de alimentos segundo características socioeconômicas. Brasil. 2002-2003, 2008-2009 e 2017-2018.

Locais de aquisição	Características socioeconômicas	Prevalência média (%)			pp/ano ^a
		2002-2003	2008-2009	2017-2018	
Supermercados	Área				
	Urbano	58,1	64,1	67,3	0,61*
	Rural	36,4	43,8	46,7	0,69*
	Região				
	Norte	51,9	52,6	53,9	0,13
	Nordeste	40,2	47,9	54,2	0,93*
	Sudeste	63,1	66,1	67,4	0,29
	Sul	55,0	69,5	75,8	1,39*
	Centro-Oeste	55,8	66,4	69,4	0,91*
	Quintos (Q) de renda				
	Q1	37,0	41,4	48,9	0,79*
	Q2	48,2	55,1	60,6	0,83*
	Q3	56,8	63,1	67,2	0,69*
	Q4	62,0	71,4	70,4	0,56*
	Q5	70,6	74,8	75,5	0,33*
Padarias e confeitarias	Área				
	Urbano	55,9	53,4	39,8	-1,07*
	Rural	20,7	25,0	22,8	0,14
	Região				
	Norte	50,7	53,2	42,2	-0,57
	Nordeste	47,1	53,2	50,2	0,21
	Sudeste	59,2	52,4	36,2	-1,53*
	Sul	34,7	35,0	21,6	-0,87*
	Centro-Oeste	43,0	39,0	29,0	-0,93*
	Quintos (Q) de renda				
	Q1	38,9	41,6	40,6	0,11
	Q2	46,8	55,8	46,8	0,00
	Q3	52,9	51,3	36,3	-1,11*

(Continuação)

	Q4	58,3	46,5	30,4	-1,86*
	Q5	56,2	49,3	33,0	-1,55*
Feiras livres e quitandas	Área				
	Urbano	38,2	33,7	21,3	-1,13*
	Rural	28,0	28,7	18,4	-0,64*
	Região				
	Norte	42,5	43,5	20,3	-1,48*
	Nordeste	53,0	52,1	30,0	-1,53*
	Sudeste	36,3	29,0	20,8	-1,03*
	Sul	15,5	16,1	10,3	-0,35*
	Centro-Oeste	22,9	14,3	13,1	-0,65*
		Quintos (Q) de renda			
	Q1	48,5	45,5	26,8	-1,45*
	Q2	34,4	38,3	22,3	-0,81*
	Q3	28,6	27,5	18,0	-0,71*
	Q4	36,1	24,1	17,0	-1,27*
	Q5	34,9	28,8	20,3	-0,97*
Pequenos mercados/ mercearias	Área				
	Urbano	34,2	30,8	18,8	-1,03*
	Rural	44,1	40,4	29,7	-0,96*
	Região				
	Norte	58,7	53,2	39,1	-1,31*
	Nordeste	47,2	43,8	36,5	-0,71*
	Sudeste	29,5	23,5	13,0	-1,10*
	Sul	32,20	34,3	10,7	-1,43*
	Centro-Oeste	21,70	20,4	8,4	-0,89*
		Quintos (Q) de renda			
	Q1	51,0	47,8	37,2	-0,92*
	Q2	43,0	38,5	24,2	-1,25*
	Q3	33,0	29,6	13,1	-1,33*
	Q4	30,2	27,6	13,3	-1,13*
	Q5	20,7	17,6	13,3	-0,49*
Açougues, granjas e peixarias	Área				
	Urbano	27,7	23,0	13,6	-0,94*
	Rural	24,7	21,9	16,3	-0,56*
	Região				
	Norte	43,8	42,8	27,3	-1,10*
	Nordeste	29,8	28,7	19,7	-0,67*
	Sudeste	28,9	19,4	11,8	-1,14*
	Sul	14,6	12,3	5,6	-0,60*
	Centro-Oeste	21,7	16,0	11,3	-0,69*
		Quintos (Q) de renda			
	Q1	32,8	30,1	23,2	-0,64*
	Q2	29,1	26,3	13,5	-1,04*
	Q3	27,9	20,1	13,0	-0,99*

(Continuação)

	Q4	27,4	19,1	9,8	-1,17*
	Q5	19,1	13,7	10,0	-0,61*
Vendedores de rua/ambulantes	Área				
	Urbano	15,1	11,5	6,9	-0,55*
	Rural	15,0	16,7	14,7	-0,02
	Região				
	Norte	19,7	19,3	11,7	-0,53*
	Nordeste	21,3	20,7	14,2	-0,47*
	Sudeste	12,5	8,7	5,4	-0,47*
	Sul	11,9	7,2	4,4	-0,50*
	Centro-Oeste	12,1	8,5	5,2	-0,46*
	Quintos (Q) de renda				
Q1	21,2	21,0	15,4	-0,39*	
Q2	17,5	14,4	8,3	-0,61*	
Q3	14,9	9,9	5,9	-0,60*	
Q4	12,9	8,8	4,8	-0,54*	
Q5	8,6	7,4	5,1	-0,23*	
Centros de abastecimentos de alimentos	Área				
	Urbano	15,3	1,8	0,3	-1,00*
	Rural	13,3	2,2	0,2	-0,87*
	Região				
	Norte	15,8	4,4	0,6	-1,01*
	Nordeste	18,7	4,6	0,6	-1,21*
	Sudeste	8,70	0,6	0,1	-0,57*
	Sul	24,3	0,3	0,2	-1,61*
	Centro-Oeste	20,1	0,2	0,1	-1,33*
	Quintos (Q) de renda				
Q1	17,5	4,9	0,5	-1,13*	
Q2	14,7	2,4	0,4	-0,95*	
Q3	16,0	0,4	0,1	-1,06*	
Q4	15,8	0,7	0,1	-1,05*	
Q5	10,1	0,8	0,3	-0,65*	
<i>(Continuação)</i>					
Pequenos produtores	Área				
	Urbano	5,3	3,9	2,3	-0,20*
	Rural	48,7	33,3	23,9	-1,65*
	Região				
	Norte	16,7	15,2	9,4	-0,49
	Nordeste	15,5	11,2	5,7	-0,65*
	Sudeste	7,7	5,1	2,7	-0,33*
	Sul	17,6	12,1	8,8	-0,59*
	Centro-Oeste	9,0	5,7	7,7	-0,09
	Quintos (Q) de renda				
Q1	23,4	17,7	11,0	-0,83*	
Q2	17,5	9,9	5,2	-0,82*	

(Continuação)

	Q3	11,5	6,0	5,1	-0,43*
	Q4	4,5	6,4	3,6	-0,06
	Q5	2,3	2,3	1,7	-0,04
Bares, cafeterias e restaurantes	Área				
	Urbano	12,6	10,3	5,9	-0,45*
	Rural	5,6	5,8	3,0	-0,17*
	Região				
	Norte	12,3	13,4	7,2	-0,34*
	Nordeste	6,3	6,7	5,0	-0,09*
	Sudeste	16,1	11,3	6,2	-0,66*
	Sul	8,6	9,2	3,8	-0,32*
	Centro-Oeste	7,3	6,6	5,0	-0,15*
	Quintos (Q) de renda				
	Q1	6,0	5,6	4,7	-0,09
	Q2	10,1	10,4	4,7	-0,36*
	Q3	13,1	10,1	5,9	-0,48*
	Q4	14,60	10,8	5,6	-0,60*
	Q5	14,0	11,0	6,6	-0,49*
Outros	Área				
	Urbano	17,2	15,5	10,2	-0,47*
	Rural	21,1	15,8	17,0	-0,27*
	Região				
	Norte	18,0	20,7	9,5	-0,57*
	Nordeste	20,2	19,4	14,0	-0,41*
	Sudeste	19,1	15,5	9,8	-0,62*
	Sul	13,7	18,8	9,9	-0,25*
	Centro-Oeste	10,1	12,0	13,0	0,19*
	Quintos (Q) de renda				
	Q1	19,7	21,2	14,3	-0,36*
	Q2	17,6	18,2	10,8	-0,45*
	Q3	17,6	15,2	11,5	-0,41*
	Q4	16,2	16,3	9,7	-0,43*
	Q5	18,0	14,8	9,2	-0,59*

Notas: ^a média dos pontos percentuais ao ano entre 2002 e 2018; * $p < 0,05$.

Os centros de abastecimento de alimentos apresentaram a maior redução entre os locais de aquisição, tanto na área urbana quanto rural (15,3% para 0,3%; -1,00 pp/ano; 13,3 para 0,2%; pp/ano, respectivamente), com queda significativas em todos os estratos socioeconômicas, especialmente na região Centro-Oeste (20,1% para 0,1%; -1,33 pp/ano) e entre estratos de Q1 (17,5% para 0,5%; -1,13 pp/ano).

A aquisição nos pequenos produtores também diminuiu de forma acentuada em áreas rurais (48,7% para 23,9%; -1,65 pp/ano) e nos quintis mais pobres (Q1: 23,4% para 11,0%; -0,83 pp/ano; Q2: 17,5% para 5,2%; -0,82 pp/ano).

Na tabela 3, foi descrita a diversidade (número médio) dos locais em que os domicílios adquiriram alimentos, no Brasil e segundo fatores socioeconômicos em 2002-2003, 2008-2009 e 2017-2018. Observou-se queda significativa na diversidade de locais de aquisição durante sete dias (uma semana), passando de 2,8 em 2002-2003 para 1,9 em 2017-2018. Por área (urbano e rural), foi observado a redução da diversidade ao longo do tempo, tanto na área urbana (de 2,8 em 2002-2003 para 1,9 em 2017-2018), quanto na rural (de 2,6 em 2002-2003 para 1,9 em 2017-2018). Contudo, o número médio de estabelecimentos entre as áreas foi similar em todos os períodos.

Tabela 3. Tendência temporal da média (n) da diversidade de locais em que os domicílios adquirem alimentos, durante sete dias, no Brasil como um todo e segundo características socioeconômicas. Brasil. 2002-2003, 2008-2009, 2017-2018.

Características socioeconômicas	Médio (n) da diversidade		
	2002-2003	2008-2009	2017-2018
Brasil	2,8	2,5	1,9*
Área			
Urbano	2,8	2,5	1,9*
Rural	2,6	2,4	1,9*
Região			
Norte	3,3	3,2	2,2*
Nordeste	3,0	2,9	2,3*
Sudeste	2,8	2,3	1,7*
Sul	2,3	2,1	1,5*
Centro-Oeste	2,2	1,9	1,6*
Quintos (Q) de renda			
Q1	3,0	2,8	2,2*
Q2	2,8	2,7	2,0*
Q3	2,7	2,3	1,8*
Q4	2,8	2,3	1,6*
Q5	2,6	2,2	1,7*

Nota: * $p < 0,05$

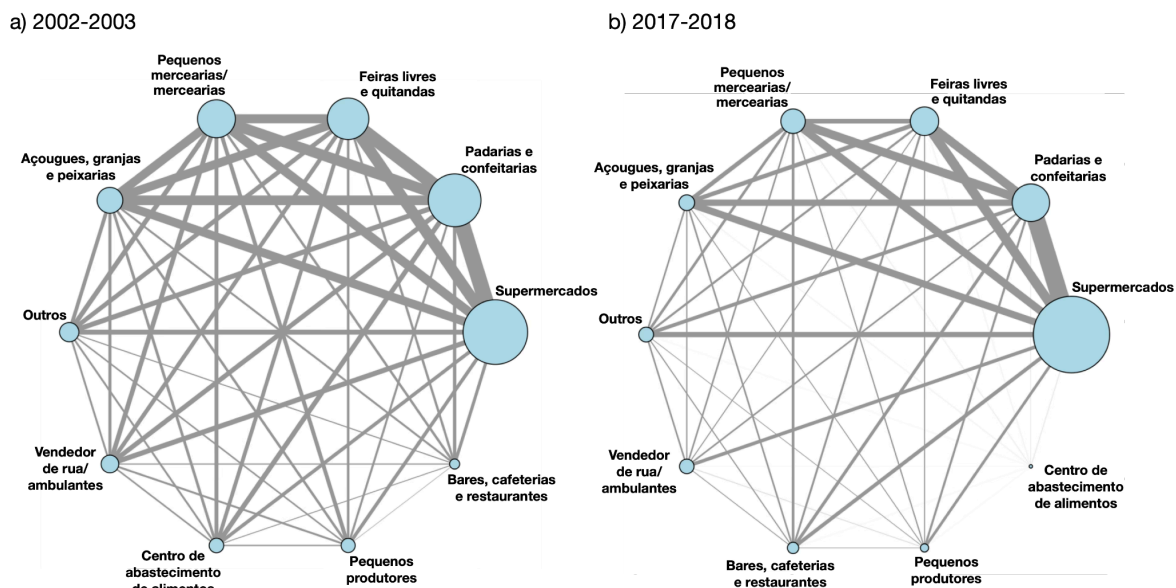
Por região, apesar da queda, notou-se que o Norte e Nordeste apresentaram a maior diversidade de locais de aquisição comparado às outras regiões, passando de 3,3 em 2002-2003 para 2,2 em 2017-2018, e 3,0 em para 2,3 (no mesmo período), respectivamente. Em contrapartida, as regiões Sul e Centro-Oeste possuem a menor

diversidade em todos os períodos (de 2,3 em 2002-2003 para 1,5 em 2017-2018 e 2,2 para 1,6, respectivamente). Em relação à renda, foi observado que quanto maior o quinto, menor foi a diversidade de locais de aquisição de alimentos, com redução de 2,6 de 2002-2003 para 1,7 em 2017-2018 no Q5. Em contraste, aqueles do menor quinto mantiveram uma leve maior diversidade ao longo do tempo (3,0 em 2002-2003 para 2,2 em 2017-2018), ainda que também em declínio.

Na Figura 1, observou-se a frequência de aquisição em cada local de compra, além da concomitância dos locais de aquisição de alimentos frequentados pelos domicílios no período de sete dias, no Brasil, em 2002-2003 e 2017-2018 no período de sete dias. Em 2002-2003, em concordância com os dados apresentados na tabela 1, a maior frequência de aquisição ocorreu em supermercados, enquanto pequenos produtores e bares, cafés e restaurantes apresentaram a menor participação. Observou-se elevada concomitância entre supermercados, padarias e confeitarias e feiras livres e quitandas, com maior concomitância dos supermercados com esses dois locais, e em menor grau entre padarias e confeitarias e feiras livres e quitandas. Também foi observado, ainda que com menor intensidade, a combinação entre supermercados e pequenos mercados/mercearias.

Em 2017-2018, também em concordância com os dados apresentados na tabela 1, a frequência de aquisição em supermercados aumentou ainda mais, enquanto os demais locais apresentaram redução, tornando os centros de abastecimento de alimentos o local com menor frequência. Houve fortalecimento da concomitância entre supermercados e padarias e confeitarias, que passou a ser a principal combinação de locais. A concomitância entre supermercados e feiras livres/quitandas manteve-se relevante, mas com menor intensidade em relação a 2002-2003. Além disso, observou-se redução das combinações envolvendo feiras livres e quitandas com padarias e confeitarias, bem como entre pequenos mercados/mercearias com os outros locais de aquisição.

Figura 1. Concomitância dos locais de aquisição de alimentos frequentados pelos domicílios durante sete dias. Brasil, 2002-2003 e 2017-2018.



Leitura da figura: quanto maior for o nó (círculo), maior a frequência. Quanto maior for a aresta (traço), maior a concomitância.

4. Discussão

De modo geral, observou-se um aumento expressivo na prevalência de frequência em supermercados entre 2002 e 2018 no Brasil, acompanhado da redução nos demais locais de aquisição, especialmente padarias e confeitarias, feiras livres e quitandas e centros de abastecimento de alimentos. Além disso, verificou-se que os domicílios passaram a adquirir alimentos em um número menor de locais. Esses padrões se repetem nas estratificações por área, região e renda. Os dados de concomitância reforçam essa tendência de concentração, indicando que as compras têm se concentrado principalmente em supermercados e, em menor escala, nas padarias e confeitarias.

A consolidação do varejo moderno no Brasil tem sido marcada pela expansão dos supermercados como o principal local de aquisição de alimentos dos brasileiros, que atraem diferentes estratos sociais ao oferecer variedade e conveniência.^{9,12} Compreender quais tipos de alimentos são frequentemente adquiridos nos locais de aquisição é essencial para avaliar os impactos dessa transformação sobre a alimentação dos brasileiros. Silva et al.,⁸ classificaram os locais de aquisição de alimentos segundo a classificação Nova, que

divide os alimentos conforme o grau de processamento. Com base na média dos alimentos adquiridos pelos domicílios, os locais foram classificados como fontes de alimentos in natura ou minimamente processados e ingredientes culinários (frutas, legumes, arroz, feijão, óleo de soja, sal açúcar), fonte de alimentos processados (produtos como pães e queijos, que têm como base os alimentos dos dois grupos citados anteriormente) e fonte de ultraprocessados (formulações industriais, como biscoitos, salgadinhos e refrigerantes). Dos 16 locais avaliados nesse estudo, o supermercado foi o único classificado simultaneamente como fonte de alimentos in natura/minimamente processados e de ultraprocessados. Enquanto hortifrutigranjeiros, açougues, ambulantes de alimentos, peixarias e restaurantes foram classificados como locais de aquisição apenas de alimentos in natura ou minimamente processados e ingredientes culinários.

Embora os supermercados apresentem preços, em média, 37% menores em comparação a outros locais,¹⁸ e 69% da aquisição de alimentos dentro dele são de alimentos in natura ou minimamente processados e ingredientes culinários,⁸ evidências sugerem que depender exclusivamente dos supermercados como fonte de aquisição de alimentos saudáveis pode não ser a melhor estratégia.^{19,20} Estruturalmente, os supermercados destinam maior proporção de espaço e visibilidade a alimentos ultraprocessados,⁹ frequentemente promovidos por meio de propaganda agressiva e promoções atraentes,^{21,22,23} o que pode prejudicar escolhas alimentares mais saudáveis.

Além disso, uma das estratégias competitivas utilizadas por grandes redes de supermercados é reduzir o preço de frutas, legumes e verduras, nos dias das feiras que existem no entorno em uma tentativa de competir com elas.^{8,9,24} Somando-se a isso, observa-se o aumento de restaurantes de *fast food* ao redor ou dentro dos supermercados, o que pode enfraquecer a proposta dos supermercados como local fonte de alimentos saudáveis.²⁵ Tais fatores, ao menos em parte, ajudam a compreender a mudança no padrão de aquisição de alimentos no Brasil.

Dados da POF entre 2002 e 2018, mostram aumento do consumo de alimentos ultraprocessados no país de 14% em 2002-2003 para 19% em 2017-2018, em detrimento da aquisição de alimentos in natura ou minimamente processados,²⁶ e redução na diversidade de espécies de origem vegetais adquiridas, que passou de cinco para quatro no mesmo período.²⁷ Além da tendência, utilizando dados apenas da POF 2008-2009, foi

observado uma correlação significativa entre os supermercados e maior aquisição de ultraprocessados, enquanto o comércio varejista tradicional (feiras, pequenos mercados, produtores locais e açougues) esteve associado com a maior aquisição de alimentos in natura ou minimamente processados. Apesar da ambiguidade dos supermercados, esse acúmulo de evidências indicam que esses locais tendem a favorecer a aquisição de ultraprocessados.^{8,24}

Mesmo que o Brasil continue entre os países com menor participação de ultraprocessados no total da dieta,²⁸ o aumento contínuo dessa participação é preocupante, considerando as sólidas evidências que associam o consumo de ultraprocessados ao maior risco de doenças crônicas não transmissíveis, como obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares e câncer, além de impactos negativos na saúde mental e mortalidade precoce.²⁸ Tais efeitos, porém, não atingem a população de forma homogênea.

Nesse contexto, compreender como essas transformações repercutem entre diferentes grupos sociais e territórios é fundamental para elucidar seus impactos na equidade alimentar. As desigualdades socioeconômicas e regionais ajudam a explicar parte das diferenças observadas nos padrões de aquisição ao longo do tempo. Embora a expansão dos supermercados tenha alcançado todas as regiões e grupos sociais, o avanço proporcionalmente maior entre domicílios de menor renda e em regiões historicamente mais vulneráveis, como Norte e Nordeste, indica uma crescente dependência desses estabelecimentos também entre os grupos com menor acesso. Em contraste, o declínio de feiras, pequenos mercados, açougues e produtores locais ocorreu de forma mais pronunciada justamente entre os estratos mais afetados por barreiras econômicas e territoriais, que tradicionalmente utilizam maior diversidade de locais para garantir o acesso a alimentos in natura e minimamente processados. As particularidades econômicas, culturais e territoriais de cada região influenciam a configuração dos ambientes alimentares e as oportunidades de acesso.^{26,29} Nesse sentido, preservar e fortalecer espaços tradicionais ainda presentes, como as feiras livres e quitanda, representa uma estratégia fundamental para reduzir desigualdades e promover ambientes alimentares mais saudáveis.

O Guia Alimentar para a População Brasileira já identifica como obstáculos à alimentação saudável a ampla presença de estabelecimentos que comercializam majoritariamente ultraprocessados e as dificuldades de acesso a locais que priorizem alimentos in natura ou

minimamente processados.³⁰ Diante das transformações observadas no varejo e do papel ambíguo dos supermercados, políticas públicas voltadas à regulação da oferta e à promoção do acesso a alimentos saudáveis tornam-se fundamentais.

Nesse sentido, o Brasil tem avançado com medidas estruturantes que atuam em diferentes dimensões do ambiente alimentar. A rotulagem nutricional frontal dos alimentos embalados³¹ apoia diretamente a população no momento da escolha, ao facilitar a identificação de produtos com altos teores de nutrientes críticos (alto em sódio/gordura saturada/açúcar adicionado) e permitir decisões mais informadas. Já políticas voltadas ao acesso físico e econômico a alimentos saudáveis, como a Política Nacional de Abastecimento Alimentar (PNAAB)³² e o Programa Alimentos Cidades,³³ fortalecem sistemas locais de abastecimento, ampliam a oferta de alimentos in natura e valorizam a agricultura familiar. A recente reformulação da cesta básica,^{34,35} alinhada às recomendações do Guia Alimentar para a População Brasileira, e a reforma tributária,³⁶ com isenção total de impostos sobre alimentos saudáveis, também contribuem para ampliar o acesso, tornando os alimentos in natura mais disponíveis e economicamente acessíveis à população.

De forma complementar, a novo decreto publicado em 2025 da nova Estratégia Intersetorial de Prevenção da Obesidade³⁷ reforça esse movimento de políticas públicas voltadas à regulação da oferta e à promoção do acesso a alimentos saudáveis ao reconhecer a obesidade como um problema de saúde pública, que demanda ações integradas entre setores e a criação de ambientes alimentares mais saudáveis, com foco na ampliação do acesso a alimentos in natura e na redução da oferta de ultraprocessados.

Em conjunto, essas iniciativas podem favorecer escolhas alimentares de melhor qualidade e reduzir a dependência de locais dominados por ultraprocessados, fortalecendo um sistema alimentar mais saudável, sustentável e equitativo.

Este estudo apresenta limitações, incluindo o fato de o inquérito de aquisição da Pesquisa de Orçamentos Familiares não considerar a aquisição de alimentos para consumo fora do domicílio. Isso prejudica, em particular, as estimativas de estabelecimentos como vendedores de rua/ambulantes, bares, cafeterias e restaurantes. Ressalta-se, contudo, que a maioria do consumo de alimentos no Brasil ainda se concentra em casa, aproximadamente 85% da ingestão total de energia.³⁸ Outra limitação é que o inquérito mais recente da POF

data de 2017-2018 e o cenário pode ter sofrido alterações, particularmente no período pós-pandemia. Entre as fortalezas, destaca-se a representatividade nacional dos dados e o detalhamento do banco de dados, que permitiu um mapeamento preciso e a agregação dos locais de aquisição. Adicionalmente, este é o primeiro estudo a descrever as tendências temporais na prevalência da frequência e do número médio de locais de aquisição de alimentos em que os domicílios frequentam, além da concomitância em que esses locais são frequentados.

Conclusão

Este estudo mostra uma transformação estrutural nos padrões dos locais em que os domicílios adquirem alimentos no Brasil entre 2002 e 2018, caracterizada pela concentração crescente dos supermercados e pela redução da diversidade de locais de aquisição mais tradicionais, como feiras livres e quitandas. A expansão do varejo moderno consolida o papel ambivalente dos supermercados no sistema alimentar: embora ofereçam alimentos in natura a preços competitivos, sua lógica comercial privilegia a promoção de ultraprocessados.

A perda de espaços tradicionais como feiras livres e quitandas, historicamente importantes fontes de alimentos in natura, representa uma mudança preocupante nos ambientes alimentares brasileiros. Essas transformações estruturais corroboram e potencializam a transição nutricional em curso, marcada pelo aumento do consumo de ultraprocessados.

As políticas públicas em alimentação e nutrição têm buscado reverter parte dessas tendências e promover ambientes alimentares mais saudáveis e sustentáveis. Diante dessa transição em curso, torna-se essencial o monitoramento contínuo e criação de indicadores sobre ambiente alimentar varejista para a efetividade dessas ações e assegurar que contribuam de fato para ampliar o acesso a alimentos in natura e minimamente processados e reduzir desigualdades nos sistemas alimentares brasileiros.

Referências

1. Swinburn B, Sacks G, Vandevijvere S, Kumanyika S, Lobstein T, Neal B, et al. INFORMAS (International network for food and obesity/non-communicable diseases research, monitoring and action support): overview and key principles *Obes Rev* 2013; 14Suppl 1: 1-12. DOI: <https://doi.org/10.1111/obr.12087>
2. Winkler MR, Zenk SN, Baquero B, et al. (2020) A model depicting the retail food environment and customer interactions: components, outcomes, and future directions. *Int J Environ Res Public Health* 17, 7591.
3. Downs S, Bell W, Blake CE. Editorial: Measuring diets and food choice in the context of a changing world. *Front Nutr.* 2025 Jun 11;12:1571706. doi: [10.3389/fnut.2025.1571706](https://doi.org/10.3389/fnut.2025.1571706)
4. Machado PP, Claro RM, Martins APB, Costa JC, Levy RB. Is food store type associated with the consumption of ultra-processed food and drink products in Brazil? *Public Health Nutr.* 2018 Jan;21(1):201-209. DOI: [10.1017/S1368980017001410](https://doi.org/10.1017/S1368980017001410)
5. Stanton RA. Food retailers and obesity. *Curr Obes Rep* 2015; 4:54-9
6. Caspi CE, Sorensen G, Subramanian SV, Kawachi I. The local food environment and diet: a systematic review. *Health Place* 2012;18:1172-87.
7. Perez-Ferrer C, Auchincloss AH, de Menezes MC, Kroker-Lobos MF, de Oliveira Cardoso L, Barrientos-Gutierrez T. The food environment in Latin America: a systematic review with a focus on environments relevant to obesity and related chronic diseases. *Public Health Nutr.* 2019 Dec;22(18):3447-3464.
8. Silva MALD, Mendes LL, Leite MA, Rocha LL, Borges CA, Levy RB, Louzada MLDC. Food purchasing places classification system based on the Dietary Guidelines for the Brazilian Population: Locais-Nova. *Epidemiol Serv Saude.* 2025 Apr 7;34:e20240361. DOI: [10.1590/S2237-96222025v34.20240361.en](https://doi.org/10.1590/S2237-96222025v34.20240361.en)
9. O'Mahony S, Collins N, Gibney ER, Doyle G. Supermarkets, do they make the healthy choice the easy choice? A review of the healthfulness of the supermarket

food environment. *Proc Nutr Soc.* 2025 Jan 24:1-11. doi:
[10.1017/S0029665125000023](https://doi.org/10.1017/S0029665125000023)

10. Ray, N. & Ebener, S. AccessMod 3.0: computing geographic coverage and accessibility to health care services using anisotropic movement of patients. *International Journal of Health Geographics* 7, 63 (2008).
11. HLPE. 2017. Nutrition and Food Systems. A Report by the High Level Panel of Experts on Food Security and Nutrition of the Committee on World Food Security. (2017)
12. Downs, S. M., Ahmed, S., Warne, T., Fanzo, J., & Loucks, K. (2022). The global food environment transition based on the socio-demographic index. *Global Food Security*, 33, 100632.
13. Pérez-Ferrer C, Auchincloss AH, de Menezes MC, Kroker-Lobos MF, Cardoso LO, Barrientos-Gutierrez T. The food environment in Latin America: a systematic review with a focus on environments relevant to obesity and related chronic diseases. *Public Health Nutr.* 2019 Dec;22(18):3447-3464. doi:
[10.1017/S1368980019002891](https://doi.org/10.1017/S1368980019002891)
14. Costa JC, Claro RM, Martins APB, Levy RB. Food purchasing sites. Repercussions for healthy eating. *Appetite.* 2013;70:99-103.
15. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Coordenação de Índices de Preços. Pesquisa de Orçamentos Familiares, 2002-2003. Aquisição alimentar domiciliar per capita, Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro: IBGE; 2004.
16. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares, 2008- 2009. Aquisição alimentar domiciliar per capita, Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro: IBGE; 2010.
17. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares, 2017-2018: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE; 2019.
18. Machado PP, Claro RM, Canella DS, Sarti FM, Levy RB. Price and convenience: The influence of supermarkets on consumption of ultra-processed foods and

beverages in Brazil, *Appetite*, Volume 116, 2017, Pages 381-388,ISSN 0195-6663, <https://doi.org/10.1016/j.appet.2017.05.027>.

19. Honório OS, Horta PM, Pessoa MC, Jardim MZ, Carmo AS, Mendes LL. Food deserts and food swamps in a Brazilian metropolis: comparison of methods to evaluate the community food environment in Belo Horizonte. *Food Sec.* 2022;14:695-707.
20. Wagner J, Hinton L, McCordic C, Owuor S, Capron G, Arellano SG. Do urban food deserts exist in the Global South? An analysis of Nairobi and Mexico City. *Sustainability.* 2019;11(7):1963.
21. Borges CA, Gabe KT, Canella DS, Jaime PC. Caracterização das barreiras e facilitadores para alimentação adequada e saudável no ambiente alimentar do consumidor. *Cad. Saúde Pública.* 2021;37 Suppl 1:e00157020.
22. Charlton EL, Kähkönen LA, Sacks G, Cameron AJ. Supermarkets and unhealthy food marketing: an international comparison of the content of supermarket catalogues/circulars. *Prev Med.* 2015;81:168-73.
23. Moreira CC, Silva ACF, Leme AOR, Silva TS, Brito FSB, Oliveira ASD. Healthy eating in supermarket circulars: reflections according to the food classification adopted in dietary guidelines for the Brazilian population. *Cienc Saude Colet.* 2023;28(2):631-42.
24. Belik W. A monotonia nas dietas: o papel da distribuição e comercialização de alimentos. In: Abramovay R, Favareto A, organizadores. *Caminhos para a transição do sistema agroalimentar: desafios para o Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo; 2025. p. 165–189.
25. Lamichhane AP, Warren JL, Puett RC, et al. (2013) Spatial patterning of supermarkets and fast food outlets with respect to neighborhood characteristics. *Health Place* 23, 157–164.
26. Levy RB, Andrade GC, Cruz GLD, Rauber F, Louzada MLDC, Claro RM, Monteiro CA. Three decades of household food availability according to NOVA -

Brazil, 1987-2018. *Rev Saude Publica*. 2022 Aug 8;56:75. DOI: [10.11606/s1518-8787.2022056004570](https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004570)

27. Louzada MLC, Marrocos-Leite FH, Silva MAL, Jaime PC. O cenário da transição alimentar no Brasil: mais ultraprocessados, mais carnes e menos biodiversidade. In: Abramovay R, Favareto A, organizadores. *Caminhos para a transição do sistema agroalimentar: desafios para o Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo; 2025. p.191-218.
28. Monteiro CA, Louzada ML, Steele-Martinez E, Cannon G, Andrade GC, Baker P, Bes-Rastrollo M, Bonaccio M, Gearhardt AN, Khandpur N, Kolby M, Levy RB, Machado PP, Moubarac JC, Rezende LFM, Rivera JA, Scrinis G, Srouf B, Swinburn B, Touvier M. Ultra-processed foods and human health: the main thesis and the evidence. *Lancet*. 2025 Nov 18:S0140-6736(25)01565-X. doi: [10.1016/S0140-6736\(25\)01565-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(25)01565-X)
29. Silva MAL da, Louzada ML da C, Levy RB. Disponibilidade domiciliar de alimentos regionais no Brasil: distribuição e evolução 2002-2018. *Segur. Aliment. Nutr*. 22 de julho de 2022.
30. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014.
31. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Rotulagem nutricional: novas regras entram em vigor em 120 dias [Internet]. Brasília: ANVISA; 2022 jun 9 [citado 28 Out 2025]. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2022/rotulagem-nutricional-novas-regras-entram-em-vigor-em-120-dias>
32. BRASIL. Decreto nº 11.820, de 12 de dezembro de 2023. Institui a Política Nacional de Abastecimento Alimentar e dispõe sobre o Plano Nacional de Abastecimento Alimentar. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 dez. 2023.

33. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS). Alimenta Cidades [Internet]. Brasília: MDS; [citado em 28 Out 2025]. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/promocao-da-alimentacao-adequada-e-saudavel/alimenta-cidades>
34. BRASIL. Decreto nº 11.936, de 5 de março de 2024. Dispõe sobre a composição da cesta básica de alimentos no âmbito da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e da Política Nacional de Abastecimento Alimentar. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 mar. 2024.
35. BRASIL. Portaria do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome nº 966, de 6 de março de 2024. Define a relação, não exaustiva, de alimentos que podem compor a Cesta Básica de Alimentos de acordo com os grupos de alimentos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, seção 1, p. 19, 07 mar. 2024.
36. BRASIL. Projeto de lei complementar nº 68 de 2024. Institui o Imposto sobre Bens e Serviços IBS, a Contribuição Social sobre Bens e Serviços - CBS e o Imposto Seletivo - IS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 jan. 2025.
37. Brasil. Decreto nº 12.680, de 20 de outubro de 2025. Institui a Estratégia Intersetorial de Prevenção da Obesidade. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 out. 2025.
38. Da Costa Louzada ML, Bertazzi Levy R, Bortoletto Martins AP, Moreira Claro R, Martinez Steele E, Verly Jr E, Cafiero C, Monteiro CA. Validating the usage of household food acquisition surveys to assess the consumption of ultra-processed foods: evidence from Brazil. *Food Policy*. 2017;72:112-120.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.